

A SAUDADE

JORNAL DO GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ.

Vol. II.

Domingo 27 de Abril de 1856

N. 42

LITTERATURA.

Paginas intimas.

FRAGMENTO.

BERNARDIM RIBEIRO

X

Alvos lyrios do poeta
Que de cousas não dirão!

(M. LEAL JUNIOR.— *Ode a Malhão.*)

Pobre cantor de Beatriz de Portugal!

Errante pelas montanhas pittorescas da formosa Cintra, soltas na lyra um canto d'amor, o qual atravessando o espaço, vai morrer na Italia bem perto daquella que deixou o ameno Tejo, para ser esposa do Duque da Saboia!

E a corôa de louro que te cercava a altiva fronte está a teus pés, e a mão da fatalidade cinge-t'a d'outra — a do martyrio!

De que valem esses suspiros, esses cantos saudosos e tristes, quando a lembrança de Beatriz que amavas te vem dizer: que já não és esse feliz jogral, que fazia as delicias da côrte do monarcha mais poderoso do mundo!

Nem as façanhas de Vasco da Gama, e Cabral, nem os prazeres que succedem á descoberta da India, veem arrancar-te desse vago scismar, e nada pôde fazer-te esquecer esse nome adorado que desprendes dos labios após tantas horas de melancolia profunda!

Se adinhasses que um pouco mais tarde o cantor dos *Lusiadas* havia de morrer como tu — infeliz e desgraçado, talvez que a tua vida fosse menos rapida, e talvez que podessemos hoje ad mirar em maior escala a poesia com que Deos te dotára.

Camões deixava á Patria um poema que seria uma das mais sublimes glorias de Portugal. Tu

deixavas apenas as *saudades* de Bernardim, que só servem para attestar a tua rapida passagem neste mundo!

Pobre e infeliz Bernardim!

Tasso amando a irmã do Duque de Ferrára, tu a filha de Dom Manoel o *venturoso*, ambos irmãos na desventura, descieis ao tumulo sem ao menos gosardes um instante da felicidade que imaginaveis achar nos dourados salões.

Oh! a Côrte é a sepultura dos poetas, como tu, Bernardim.

A Côrte quer unicamente um trovador com inspirações, mas sem aspirações — um poeta que cante a belleza d'alguma dama orgulhosa, e que a divirta nos serões com alguns contos factidicos que ella escuta indifferente.

Quizeste com tuas trovas partilhar do amor d'uma Princeza, e ignoravas que o amor do poeta — o seu thalamo nupcial é a natureza — a liberdade!

Embalado com as esperanças d'um amor correspondido, não sabias que as *razões do Estado* são mais fortes que todos os sentimentos do coração.

Aspiraste sem o querereres, todo o veneno subtil que paira por sob as abobadas dos paços reaes — dos camarins das grandes senhoras, e devias em pouco reconhecer o quanto esses paços são nocivos ao poeta.

Depois, quando já as tuas faces pallidas e cadavericas tornavam desconhecido o bello trovador d'El-Rei Manoel, foste morrer perto daquella que levára contigo os melhores e mais bellos dias da tua existencia, e toda essa poesia que admiro hoje, e perante a qual me curvo submisso!...

Rio, 27 de Abril de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

Cartas a Aldina.**I**

ALDINA. Nunca viste ao alvorecer da madrugada por entre as verdejantes folhinhas das arvores, os alegres filhos da natureza, os viventes mais felizes, os habitantes constantes das selvas, — os plumosos cantores trinando e soltando maviosamente suas endêxas? sabes o que mutuamente se communicam? sabes? E' o seu amor! é a sua innocencia! é o seu contentamento! é dando graças ao formador do universo pelos tornar tão felizes!

Na tua infancia, na idade das illusões, afadigada não corrias atraz das matizadas borboletas, para depois de as apanhares soltal-as outra vez?

No teu jardim, com as tuas companheiras não colhias as rosas, os jasmims, as saudades, as violetas, e tantas outras flôres para com ellas formares capellas, e coroar-vos umas ás outras? Sabes o que denotavam esses brincos? Tu, que os desfructaste, que os gosaste e que cresceste com elles! E' a candura personificada! E' o futuro que se aproxima e que traz a realidade de toda essa lida inoffensiva! é a virtude que formou seu ninho no seio da innocencia... Pois assim como os passarinhos saudam o romper da madrugada com seus cantos, o seu amor, a sua innocencia, o seu contentamento e o formador da natureza, assim eu te saúdo! Assim como afadigada corrias atraz das borboletas assim eu te amo! Assim como tu e tuas companheiras teciam corôas com as flôres colhidas em teu jardim para vos coroa-des, assim o meu amor é firme!

Como o canto mavioso
 Dos passarinhos contentes,
 Ao romper dia formoso
 Por entre folhas virentes,
 Como a innocente donzella
 Afadigada, mas bella
 Corre atraz da mariposa,
 E com numerosas flores
 Tecem c'roas de verdores
 P'ra c'roar a mais formosa,
 Assim tambem eu te saúdo!
 Assim te consagro amor!
 Assim firme é meu candor!
 Firme sempre! firme em tudo!

Aldina, a saudade, esse sentimento nobre, essa phrase que exprime um universo inteiro, que muitas vezes traz desgostos e apoz si risos,

que alimenta a vida daquelle que vive ausente do objecto amado, do escolhido do seu coração, do ente predestinado por Deos para formar em uma só pessoa, esse sentimento nobre, essa phrase que exprime um universo, tem uma força, um poder absoluto em mim! ella me domina como um rei tyranno domina os povos! ella me subjuga como o vendaval subjuga o fragil baixel! e no entanto me anima como um riso do infante anima a terna mãe que o vio ás portas do abysmo!

Saudade, gosto amargo d'infelizes,
 Delicioso pungir de acerbo espinho.

Estes dois versos, Aldina, de um sabio contemporaneo exprimem em si tudo quanto ha de mais nobre.

Dominado pois, pela saudade, alimento com ella a minha vida na ausencia de tí, e para mitigar essa saudade, para que pouco a pouco não se me vá deunhando a existencia, eu te irei descrevendo as minhas impressões, — os meus pesares e as minhas horas de alegria, se é que se póde ter uma alegria verdadeira, quando o coração se acha possuido de amor, e se vê separado do objecto idolatrado.

Distante, bem distante saberás tu as vicissitudes porque passo....

Na ausencia, as letras de um amante são um balsamo consolador; um balsamo que identifica e cura, senão radical, ao menos apparentemente a dôr que se soffre: são tão benéficas como o orvalho da noite o é para as flôres, como o ar para a existencia, como a agua para os peixes, e como o leite para o recém-nascido.

Ausencia amarga e cruel,
 Ausencia triste e fatal,
 Ausencia que por meu mal,
 Me fazes só tragar fel;
 E's tu que a dôr me alimentas,
 E cada dia accrescentas
 Um louro a teu diadema;
 Se procuro um goso fido
 Vejo sumir-se, e perdido
 Não queres que do amor tema.

Deixa pois, Aldina, que eu dê expansão á minha saudade. Recebe as minhas letras, e ao acabares de lêr no fim de cada semana a minha carta dirás com as lagrimas nos olhos: — inda me ama!... Sim, Aldina! ainda te amo!... e é esse amor! esse fogo, esse ser incomprehensivel,

que me faz ver-te todas as noites em meus sonhos como um anjo consolador!

Aldina! confia na Providencia e em teu amapto. Adeus!

1856, Abril 30.

ECHO ELIZIO.

Os meus sonhos

OU

A HERANÇA DE MEU TIO

(Continuação.)

Peguei no volume de uma historia, que tinha trazido para me entreter no caminho, e depois no inventario da herança, que o tabellião me tinha entregue.

Tive então uma surpresa mais agradável do que as outras. A importancia total da herança montava a muito mais do que eu suppunha, e tornava-me quasi rico. Esta inesperada descoberta diminuiu consideravelmente o meu despeito, e começou a tornar mais facil a digestão da pessima cêa que tinha tido. Puz-me a examinar detalhadamente o inventario, até que as cifras começaram a ondear diante das minhas palpebras meias fechadas: por fim, Mortéo tristonho lembrando-se de mim, fez com que perdesse a consciencia do que me cercava, e adormeci.

D'ali a pouco pareceu-me sentir rumor de passos á minha cabeceira; abri os olhos, e vi uma duzia de personagens agrupadas, na proximidade do meu leito. Todos traziam trajos antigos e diferentes, nos quaes reconheci, com surpresa, os dos velhos retratos que guarneciam o quarto de dormir.

Procuerei-os logo na parede para fazer a comparação. Os respectivos quadros ali se conservavam suspensos! O que via junto a mim eram os antigos retratos da familia, aos quaes um milagre acabava de dar a vida!

A sua frente apparecia um velho; nas rugas de sua phisionomia mostrava uma grande excrecencia maxillar da qual pendiam diversos cabellos, enfim era um verdadeiro typo de mais de cem annos. O seu trajo era mais que exquisito. O calço um tanto coçado (por ter servido muito a seu dono) mostrava na sua extremidade uma grande fivella que ligava a meia. Um curto colle-

te não tendo mais do que um palmo deixava ver entre a abertura uns grandes folhos, tendo seguramente um palmo, aonde se divisava uma cornucopia de perolas, e esmeraldas, que suspensas por um cordão de ouro obrigavam a inclinar a cabeça ao meu phantasma; em quanto á gravata era um completo lençol, os collarinhos serviam com facilidade para vella de *estay* de qualquer fragata, o chapéo podia-se assemelhar a uma grande sorveteira, e a casaca isso não fallemos, além de ser de abas de thesoura mostrava uma grande golla aonde havia sebo de sete estios; finalmente os sapatos, luvas, chinó e bengala tudo era do mesmo gosto.

SERPA PINTO.

Mathilde.

POR A. XAVIER RODRIGUES PINTO.

(Continuação.)

— Mathilde, respondeu Carlos, de mais eu mais commovido; não exageres o que ha em mim de bom, porque eu conheço-me bastante, e sei pôr em relação os sentimentos que exprimem uma idéa que não parte do coração, porque está mudo; isto é, sei, como tu, escolher as flôres que espargem um aroma doce e agradável. O que hei feito por ti, o que fiz pelos outros, e o que fizer no futuro, é a fiel observancia das obras de Misericordia — dar de comer a quem tem fome — consolar os tristes, e todas essas cousas que a Religião nos prescreve, e que devemos observar. Já vês que nada mais faço do que aquillo que muitos não fazem. Quando cheguei a estes lugares, após oito annos d'ausencia, disseram-me que havia muitos infelizes a consolar, e muitos pobres a beneficiar. Votei-me com todo o ardor ao bem geral — chorei com aquelles que choravam, ri com aquelles que riam, e zombei com os que zombavam... Vamos, Mathilde, tu serás em meu lugar o anjo bom dos que soffrem. Meu tio estima-te, porque é bom e generoso; Domingos adora-te porque sabe que tenho por ti uma affeição profunda. Faremos em commum um sanctuario, onde possamos render homenagem ao anjo que está a meu lado. Agora, exijo uma cousa antes de tudo; vem a ser que termines todas as relações que tens com essa Franceza que....

— Venho de sua casa; fui agradecer-lhe o

muito que fez por mim ; resolvida a não a procurar mais.

— Tomaste os meus conselhos; as relações dessa mulher servem unicamente para aquellas que tem aspirado o perfume envenenado dos salões aristocratas, onde só reina a orgia e a devassidão !.... Para ti, pobre flôr abandonada em jardim modelo, esse perfume seria a tua morte, e eu amo-te bastante para que consinta em tal. Por isso, Mathilde, em quanto que alguma triste realidade não venha accordar-te das tuas illusões de menina, dessa candida innocencia que atemorisa os mais infames; eu te peço, não procures uma mulher como Mine. Adelaide ; o que te digo aqui, o que te aconselho agora affirmal-o-hei diante della se mister fôr. A unica cousa que poderão censurar-me é a minha demasiada franqueza em arguir aquellas pessoas que desrespeitam as conveniencias da sociedade em que vivem.

Mathilde prestava a Carlos essa attenção submissa de filho para pai. E' porque as palavras do mancebo eram inspiradas por uma convicção firme e profunda, e ante taes precedencias é difficil a duvida.

— Obrigado, Sr. Carlos, respondeu a joven, as suas palavras fazem-me um bem extraordinario ; sinto a vida renascer sob um aspecto brilhante e encantador, e tenho convicção de que não mais nutrirei desejos de morrer.

Eu achava-me só, para toda a parte que me voltasse via apenas densas trevas, e a confusão do cahos. Ninguem fez a esmola d'estender a mão da caridade para a misera orphã, que balbuciando um nome ouvia em resposta o desprezo e escarneo. Quantas vezes a sós, triste como estas arvores no inverno, eu chamei por minha mãe, por meu pai, ou um ente qualquer que dispendesse comigo as caricias e affagos que me faltaram na infancia ? ! Sempre em vão.... sempre o mesmo silencio. Depois, após de muitas horas de vago pensar eu concluia por dizer a mim mesma : Para que estas idéas ? para que esta vida de continuos e amargos dissabores ? Posso por acaso pedir alguma cousa ? não sou eu filha do acaso ? o meu nascimento não é devido a uma dessas mil intrigas amorosas, que com tanta frequencia se dão na alta e baixa sociedade ? !

Eis aqui, Sr. Carlos, as minhas idéas de muitos annos. A' força de combatel-as eu sentia a vida finir-se-me lentamente, quando um anjo de paz e de conforto, batendo suas brancas azas, chegou até

mim, e me disse : Animo, e tem esperanza no porvir !

Senti a paz e o socego d'espírito voltar presentes, e quando me encontrou já estava quasi curada. Hoje, graças a esse anjo e ao Sr., nada tenho ! Sou tão feliz, que tudo isto me parece um sonho !....

(Continúa.)

O mysterio d'uma loute.

ROMANCE

POR JOSE MIGUEL DIAS FERREIRA.

CAPITULO VI.

Gustavo dirigio-se para casa, tentou repousar o corpo e o espirito das terriveis fadigas d'aquella noite ; mas o somno não lhe veio fechar os olhos ; todo preocupado com a sua desgraça rogava a Deos em silencio. As horas foram-se passando, e assim que ouvio dar quatro, levantou-se, mas com o corpo tão abatido que parecia ter-se levantado d'uma grande enfermidade.

Vestio-se, e depois de ter escolhido duas espadas fortes deitou por cima de si uma capa e sahio de casa.

A madrugada não tardou, e já os primeiros raios da luz iam fazendo desaparecer as trevas.

Depois de meia hora de caminho chegou ao lugar indicado para o combate.

O vento frio da madrugada fazia um ruido continuo nas arvores que rodeavam o lugar.

Os raios de luz já eram mais resplandecentes ; mas ainda não se podia ver nada no espesso arvoredado.

Não havia indicios de ninguem ter ainda chegado ; o lugar estava solitario e triste, todo rodeado de morros e arvoredado ; tinha sido bem escolhido para tal acto. Gustavo principiava a impacientar-se ; ora parava, ora passava encostado á caixa ouvindo o ruido da correnteza da agua. Ao dar uma volta, ouvio-se a detonação d'uma arma de fogo, e a balla sibilando veio enterrar-se no chão a quatro passos de distancia de Gustavo.

Elle abaixou-se e ficou occulto pelo altura do paredão ; como para esperar o traçoero.

Ouvio-se então o pisar em folhas seccas, e passos precipitados, que se encaminhavam para elle.

Assomou ao longo do paredão a sombra d'um homem e uma gargalhada estrepitosa fez-se ou-

vir ; o vulto deu um salto, e estava no plano onde Gustavo se achava agachado.

Assim que vio o vulto saltar tirou uma espada, e avançou com uma raiva de tigre, para o homem que tinha ficado parado, assim que o vio metter-se.

—Oh ! acreditava que fosse algum ladrão ; mas és tu, miseravel ? ! ... disse Gustavo reconhecendo Faustino. Traçoeiro ! julgavas que me tinhas morto ? não, aqui estou ! vamos ; em guarda ! ... toma esta espada, e defende-te : Faustino tinha ficado aterrado com o sangue frio e valor de seu adversario, examinou a espada, e vendo que era boa, pôz-se em guarda, e o combate começou. Os golpes assemelhavam-se aos dos de muitas pessoas ; tão rapidos e desesperados eram. Faustino conhecendo a necessidade de defender-se lutava com ligeireza.

Gustavo revestido de seu sangue frio imperturbavel, muitas vezes fazia roçar a ponta de sua arma no peito de seu inimigo.

A tatica parecia ser igual, ambos defendiam-se com habilidade, e Gustavo admirava seu inimigo tão covarde, como se tinha desembaraçado. Faustino recuou dous passos e fazendo girar a espada aparou com destreza quatro golpes seguidos de seu inimigo. Gustavo continuou a atacalo com golpes seguidos, e em um dos giros a espada de Faustino foi cahir a seis passos de distancia ; apanhou a arma, e tornou a entrar de novo, então os golpes conheciam se que eram dados com uma raiva e um desespero sem igual ; em um dos golpes Gustavo falseando o manejo, fez Faustino livrar-se da cabeça, e a arma enterrou-se-lhe no peito, com força. Faustino deu um forte arranco, o sangue sahio em jorros da ferida, as pernas fraquearam-lhe e o corpo cahio sem movimento.

Gustavo ainda ardendo de raiva voltou-se para todos os lados e não vendo ninguém chegou-se para o ferido ; mas já estava morto.

Agarrou a custo no defunto e caminhou por uma estreita senda rodeada de arvoredos, e depois de ter andado alguns cem passos chegou quasi ao cume d'um rochedo rodeado inteiramente por espesso arvoredos baixo.

Os angulos da rocha formam muitas covas onde parece acoutarem-se os animaes de caça ; agarrou no defunto com força e atirou-o em um dos poços ; o corpo sumio-se e depois de ter deitado muita pedra para poder tapar a cova, voltou o rosto para o céu ; e estendendo a mão, disse :

—Graças vos dou, meu Deos ; aqui será a sua sepultura ; está cumprida a minha vingança ! ... e envolvendo-se na capa chegou ao lugar do duelo, deitou arêa nos signaes de sangue, pegou nas armas, deitou-as na corrente dos canos e seguiu apressado, por onde tinha vindo.

(*Continúa*)

Com quanto o nosso programma se não conforme muito com esta sorte de publicações, por comprazer á sociedade *Dezaseis de Setembro*, publicamos o seguinte relatorio, lido em assembléa geral pelo seu presidente o Sr. Antonio José Alves Coelho.

A REDACÇÃO.

Senhores :

Quando vos convoquei extraordinariamente em 30 do mez passado, foi para vos enunciar as idéas da Directoria, tendentes a fazer germinar em vossos peitos o amor á nossa instituição, e eleva-la ao auge que com tão bons auspicios a aguarda ; e apresentar-vos uma refôrma, dos nossos estatutos, que se conformasse com os fins que uma associação desta ordem anhele, e digna do faustoso dia do nosso distinctivo.

Estranhareis, que tendo-se deliberado na ultima sessão, eu vos convocasse, para vos ser presente o trabalho da commissão, encarregada de rever e publicar os novos estatutos, e tambem para se proceder á eleição d'uma nova Directoria, eu submetta á vossa ponderação, objecto que nem uma paridade tem com o deliberado. Mas circumstancias tão poderosas occorreram no periodo que medea esta, da ultima sessão, que me parece nos é tão vantajoso que estou bem certo me relevareis essa falta, só filha da vontade que alimento, de por novas medidas, nos mostrarmos dignos Portuguezes.

Haveis-me permittir que, relatando succintamente as principaes occurrencias desde a installação da Sociedade, eu mais adiante trate do principal objecto da reunião.

Foi incitado pelo amor da Patria, e em recordação do sempiterno dia 16 de Setembro de 1855, por ser o 18.º anniversario natalicio, e o dia em que o nosso Rei o Sr. D. Pedro V subio ao throno de Portugal, que eu, em conjuncto, com os amigos Constantino Joaquim d'Azevedo Lemos, Manoel José da Silva Marques e Francisco José da Silva Basto, tinhamos de precedencia, acariciado o pensamento d'installar uma sociedade ;

como não esfriássemos, e bem ao contrario, cada vez mais nos acalentasse o animo de tornar real o nosso intuito, dirigimo-nos no já citado dia ao Jardim Botânico, e ahi ao som de nossas entusiasticas acclamações ao Rei, á independencia e prosperidade de Portugal, installamos a sociedade de *Dezaseis de Setembro*. Desculpai-me que eu vos note, uma singela perpetuidade, que deixamos inscripta, n'um dos debeis arbustos, que circundam o *Lago dos Amores*....

Tratemos logo de fazer crescer nossa filha querida, e em quanto uns, pediam a seus amigos a animassem com seus afagos, eu e o meu collega Sr. Constantino Joaquim d'Azevedo Lemos, lhe iamos preparando a roupagem; e com effeito tal foi o cuidado que nos mereceu, que em 14 de Outubro, ella se apresentou vigorosa, e com uma lei, á qual demos o nome de Estatutos, que serviria de escudo á carreira, que se lhe proporcionava. Mas essa lei, necessitava do consento das pessoas que como entreposto se alistaram á nossa filha; foi então que em 14 de Outubro, reunidos em Assembléa geral, lhe deram seu voto, e elegeram uma Directoria, que serviria para aguardar dos revézes, e dar impulso á nossa sociedade — **DEZASEIS DE SETEMBRO.** —

E' forçoso que confesse, que a Directoria lutou com immensas difficuldades em principio, excitadas por uma sociedade que, ou por casualidade, ou por lhe agradar o nosso distinctivo, pretendeu contestar nosso direito, amparando-se em principios tal ou qual pueris, sem que concludentemente evidenciasse o seu direito; houve em primeiro lugar, de parte a parte, discussão particular, sem resultado; porém, tal era a vontade de escrever, e tal o philosophismo que imperava nos contendores que, não supportando os emissarios mais fadigas, se divagaram no vasto campo da imprensa, para os amantes das bellas-lettras apreciarem o que é primor litterario l....

As sevicias e improprios, que se dirigiram mutuamente manejadas não sei por quem, encobrando-se com a capa do anonymo, são tão improprias de occupar vossa attenção, que eu as olvido, sepultando-as, e correndo-lhe uma pesada lousa, de fórma que o seu bulicio, a não faça sentir.

E se dessa contenda, resultasse alguma coisa clara, e insinuante, ainda bem; mas o que vemos.... com pezar o digo, tudo no mesmo esta-

do, ladeando em um cahos, que só a inergia, o podia destruir.

Essa sociedade, em virtude de uma authorisação do Exm. Sr. Chefe de Policia, se ficou intitulado — primeira de *Dezaseis de Setembro* — soffrendo uma modificação no distinctivo, por exigencia daquella authoridade, que lhe não podia dar a sancção como exigia, porque primeiramente nos foi concedida; e a nossa se ficou denominando, como outr'ora — **DEZASEIS DE SETEMBRO.** —

Não obstante este estado de cousas, tão precario para as duas sociedades, a nossa, bem que lentamente ia progredindo, já na aquisição de socios, e já no credito, que alguns actos philanthropicos, lhe souberam grangear. Mas, senhores, a sociedade fundada em commemoração do jubiloso dia, consagrado á Pessoa de nosso mais alto respeito, e intimo affecto, a sociedade creada com tão auspicioso exito, e dedicada a afagar os nossos molestos compatriotas, offerecendo-lhes um caritativo arrimo, e inculcando-lhes n'alma, a esperanza de um feliz porvir, deveria continuar nessa inercia, sem que tocasse o alvo desejado? Não.

(*Continúa.*)

POESIAS.

O Solitario.

Que fazes ahi, mancebo,
Tão tristonho a suspirar?...
Perdão se a tanto m'atrevo
De teus males indagar.

Meus males?!... são bem funestos!
São funestos de matar;
Os meus dias assás mestos
Passo constante a penar!

N'outro tempo poderoso,
Agora! não mais que um pobre...
O meu pranto caudaloso
Rega o fato que me cobre!

Oh! sim, já fui poderoso,
Imperei em peito amante,
Tive um solio magestoso
Sob'um coração constante.

A fada mais bella amava,
Feliz era a minha estrella,
Porque um anjo me adorava,
Não tinha que dizer della.

Perdi esse imperio mago,
Que fascinava minh'alma,
Libo agora amargo trago
Da saudade, já sem calma.

Guerra atroz lhe declarou
A parca té que venceu,
Aos seus golpes expirou
E na terra a escondeu !!! ...

Vês alli aquella vargem ?
Aos mortos é dedicada ;
E' onde repousa a virgem
Pela parca derrubada.

Seu tumulto heide guardar
Constante, de noite e dia,
E por ella heide rogar
Ao toque d'Ave-Maria.

Por mim sua lousa ornada
Foi de boninas agrestes,
E de saudades cercada,
Com numerosos cyprestes.

Quando á noite a suspirar
Em sua campa recostado,
Com tristeza a recordar
O meu aurifero passado ;

Até que o som revoar
Sinto com meiga brandura
Da meia noite a orar
Corro pela virgem pura.

Então mil larvas deviso-
De suas campas surgir,
Que com estrondoso riso
Vejo-as no ar se sumir !...

Ouçõ então tristes gemidos
Pelo recinto a vagar,
Vejo um anjo ! ... seus vestidos
Traz magamente alvejar !...

Sua fronte mui singela
E meiga, volve p'ra mim,
Reconheço ! !... é sombra della
Que vejo, áquella hora assim !

Seu rosto resplandecente
Cobre então com negro véo.
E com pranto concernente
As mãos ergue para o céo !

Abrem-se os astros brilhantes,
Aureas nuvens apparecem,
E cercando-a fulgurantes
Com ella desaparecem !

Apoz vem somno pesado,
Que as minhas palpebras cerra,
Tremulo, caio prostrado
E sem forças sobre a terra !

Acordo, já doira o sol
Altos cumes elevados,
Entre o magico arrebol
Reinam arbustos dourados.

Jurei-lhe de ser constante,
Té suas cinzas guardar,
Sobr'a campa a cada instante
Ao Deos por ella rogar !

Té que me feneça a vida
Nesta lida levarei ;
Foi alli naquella Ermida
Qu'este juramento dei !

Adeus bom homem honrado,
O toque d'Ave-maria
Já la sôa, compassado,
E meu dever annuncia !

Março de 1856.

DIOCLECIANO DAVID CESAR PINTO.

Parodia.

Se eu fôra dos mares a onda bravia,
Na praia idomeia com força a rolar,
Quizera levando-te em meu turbilhão,
Com teu corpo aos peixes, ó furia cevar !...

Se eu fôra um abismo, que turvo e medonho
No solo onde habitas podesse-me abrir,
Em um só momento quizera em meus antros,
Profundos, p'ra sempre, cruel t'ingulir !...

Se eu fôra doende, que em noite medonha
Podesse da terra surgir, me elevar
Tiveras certeza, mulher fementida,
Commigo aos avernos te havia levar ! !...

Um raio se eu fôra, se fôra corisco,
Do Empyrio á terra já quasi a partir,
Os ares fendendo, quizera veloz
Em tua cabeça direito cahir !...

Se eu fôra uma fera, das feras bravias,
Por prados e bosques terror a espalhar,
Quizera entre as garras, vorazes, famintas,
Os membros com furia cruel te rasgar !...

Mas eu não sou onda, doende ou abismo,
Nem fera, nem raio, para te ferir ;
Sou triste mancebo, que apenas rancor
Nestas linhas tôscas te quer exprimir.

Rio de Janeiro, Abril de 1856

JOÃO DANTAS DE SOUZA.

Amores.

E' noite tão linda
Tão linda d'encantos,
Que inspira meus cantos
Com doce primor,
A brisa que passa
Fallando de amores.

Diz ella segredos,
Segredos fagueiros,
Que vem prasenteiros
Eulina lembrar,
Fazendo por ella
Suspiros soltar !

Quizera pensando.
Pensando só nella,
Tão linda tão bella,
Tão bella sem par,
Trabalhos da vida
No mundo olvidar.

Feliz eu seria
Nos ternos amores,
Qual bellas flores
Em seu despontar,
Mui castas e puras
Sem nunca murchar.

M. LEITE MACHADO.

Desprezo-te.

A. M. C.

Não intentes, mulher ardilosa,
Teu despeito no riso encobrir ;
Não intentes com falsa modestia
Os que te vêem talvez repollir.

Não intentes, mulher ardilosa,
Com teus risos em mim imperar,
Não intentes fazer-me esquecer
Que teus risos sei bem desprezar.

Não intentes, mulher ardilosa,
A virtude mostrar que não tens ;
Não intentes calçar teus preceitos
Com teus frios—soberbos desdens.

Não intentes mulher, tão vaidosa,
C'o a vaidade sómente reinar ;
Teus encantos são falsos—mentidos,
Teus encantos sei bem desprezar.

Rio, Abril 20 de 1856.

ANTONIO XAVIER RODRIGUES PINTO.

VARIÉDADES.

Calvino.

João Calvino, segundo chefe da Reforma, no
16.º seculo, nasceu em Noyon em 1509.

Destinando-se ao estado ecclesiastico estudou
em Paris a Theologia : mas como professava o
Protestantismo sem nenhuma reserva, foi obriga-
do a refugiar-se em Genebra, depois em Bale,
aonde estudou o hebraico, e publicou a *Instituição
Christã*, que dedicou a Francisco 1.º ; vol-
tou porém a Genebra, em 1541, onde apresen-
tou um formulario de confissão de fé, que fez
adoptar como lei do Estado, e que veio a ser de-
pois a base da crença religiosa chamada Calvi-
nismo, e morreu em Genebra em 1563, tendo
de idade pouco mais ou menos de 55 annos.

Trad. de J. M. DIAS FERREIRA.

RIO DE JANEIRO — TYP. DE F. A. DE ALMEIDA

Rua da Valla n. 111.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliana@usp.br).